

e

SÁBADO, 6 DE AGOSTO DE 2011

a

Ovelha branca

Depois de um período de vícios em drogas, álcool e sexo, o escritor e fotógrafo Zeca Fonseca dá a volta por cima: lança mês que vem "Artérias" e vai ver um livro e um conto virarem filmes

Mônica Imbuéno

ZECA em seu apartamento, em Niterói. Na parede, uma foto feita por ele



Bety Orsini

orsini@oglobo.com.br

Depois de conhecer o inferno do álcool, das drogas e da compulsão sexual, o fotógrafo Zeca Fonseca, filho do escritor José Rubem Fonseca, encontrou a sobriedade, a paz e uma mulher para amar. Firme e delicado, como a maioria das pessoas que voltaram do fundo do poço, Zeca, que já foi a ovelha negra da família, agora é motivo de orgulho para o seu clã: lançará, em setembro, seu terceiro livro "Artérias", enquanto seu romance "O adorador" vai virar filme pelas mãos do irmão José Henrique Fonseca. Dia 12 ele viaja para Londres, onde vai ultimar as negociações de "Nova Ordem Sexual", um dos contos de seu novo livro, com o produtor inglês Pablo Brandão.

— Nunca vi nada tão bom nesse universo sexual — diz Brandão. — A comparação mais óbvia e superficial é com o escritor e poeta americano Charles Bukowski, porém os romances do Zeca contêm atributos satíricos e moralistas de autores como Jonathan Swift e Alexander Pope.

Preciso e audacioso. É assim que a roteirista Adriana Falção fala sobre os livros de Zeca.

— Li e fiquei maluca. É como se tivesse levado um murro no estômago.

José Henrique Fonseca conta que "O adorador" começa a ser rodado ano que vem.

— A via-crúcis do personagem Lemok vai render um filme atual. Esse uso sempre maior das redes sociais, o mercado do sexo, o isolamento das pessoas, as relações humanas cada vez mais substituídas pela internet, pela solidão, tudo isso está nesse roteiro de forma bem doida, engraçada, vigorosa e inteligente. Assim como o Zeca. Página 2

REINALDO MORAES

A teoria do beijoqueiro

• O que você acha que vai ser a próxima incrível, inimaginável, miraculosa, revolucionária invenção saída dos laboratórios de ponta a serviço das grandes empresas de tecnologia? Sapatos voadores, a reversão definitiva da calvície e da obesidade, chips educativos implantáveis no cérebro, dispensando a longa saga escolar?

Enveredei por essas caraminholas ao ler um artigo do jornalista Clive Thompson no último número da revista americana Wired ("Plugado", em inglês), bíblia de nerds e geeks gringos. O artigo — "The breakthrough myth", ou "O mito da ruptura" —, discute a tendência da turma de ponta do mundo infodigital a gastar boa parte de seu tempo livre farejando qual vai ser a próxima grande inovação que, surgida do nada, há de relegar à obsolescência aparelhos, gadgets, sistemas, programas e redes que até ontem a tarde eram da hora.

As perguntas não param de pipocar na cabeça desses caras. O que substituirá o iPhone, o Twitter, o GPS com aquela voz suave mas persuasiva de mulher mandando você virar à direita depois do segundo viaduto, tomando cuidado com o radar de velocidade?

Para o autor do artigo, não existem essas aparições súbitas de prodígios tecnológicos. Tudo, se você for ver, vem sendo cozinhado nos laboratórios e no próprio mercado há um certo tempo. Citando um gênio em computação gráfica da Microsoft, tal de Bill Buxton, ele menciona uma teoria um tanto fútil batizada de "teoria do narigão", aplicável às inovações tecnológicas. "As grandes ideias," diz ele, "vão metendo seus narizes no mundo bem devagar, deixando-se ver gradualmente". E elenca vários exemplos.

Aquele toque de estica-belsca com os dedos na tela do iPhone para aumentar e diminuir a imagem é um deles. O sistema foi testado em 1983 para um projeto experimental chamado de Video Place. Outro exemplo é a tecnologia que permite transpor seus gestos em tempo real para o mundo virtual, caso do sistema Kinetics da Microsoft, usado em simulações e jogos. O princípio da coisa veio dos sensores de movimento

usados em sistemas de segurança e também no gentil dispositivo que abre portas duplas de vidro à sua frente assim que você aparece diante delas.

Para saber o que vem por aí, em matéria de novidade tecnológica capaz de pulverizar paradigmas de um dia pro outro — ou da manhã para tarde do mesmo dia —, Buxton recomenda um trabalho de "prospecção e garimpo" no campo das tecnologias já existentes, algumas esquecidas há anos, pois é dali que surgirão as próximas novidades bombásticas. Criadas para uma determinada finalidade, elas poderão ser reconvertidas para outras bem mais interessantes.

Acho que é mais ou menos esse o caso de um amigo meu que resolveu instalar no iPhone dele a cinefotografia em close de uma boca executando os movimentos de um beijo. Ele jura que a boca é de uma ex-namorada por quem ainda é apaixonado. A namorada se foi, mas o beijo ficou. O cinetismo da foto se deve ao gif — graphics interchange format —, com direito a um sonoro smack no áudio. É fácil produzir o beijo virtual. Basta tirar umas 3 fotos da sequência de movimentos labiais da boca beijoqueira e enviá-las para um site especializado que monta o gif e o devolve para você. (<http://www.scraper.net/criar-gif-animado.htm> é um desses sites.)

Quando está se sentindo carente, meu solitário amigo convoca a imagem da boca beijoqueira na tela do iPhone e cola seu lábios ali, retribuindo o beijo. Se essa nova aplicação de tecnologias já existentes vai virar do avesso o mundo da informática, não sei. Mas, até que meu romântico amigo arranje um novo amor, vai-lhe quebrando um galho razoável. De todo modo, seria engraçado ver a "teoria do narigão" rebatizada de "teoria do beijoqueiro".

E-mail para esta coluna: cadernoela@oglobo.com.br

ELA EDITORA: Ana Cristina Reis (ana.reis@oglobo.com.br)
 EDITORA ASSISTENTE: Carolina Isabel Novaes (carolina.novaes@oglobo.com.br)
 COORDENADORA DE MODA: Patrícia Veiga (pveiga@oglobo.com.br)
 DIAGRAMAÇÃO: Leonardo Drummond (leodrum@oglobo.com.br)
 Telefone/Redação: 2534-5000 Publicidade: 2534-4310
 E-Mail: publicidade@oglobo.com.br
 Correspondência: Rua Irineu Marinho 35 - 2º andar, CEP: 20233-900.

A partir de **60 reais***, seu anúncio sai no Globo, Extra e no portal ZAP para mais de **4 milhões** de leitores.**

CLASSIFICADOS DO RIO
2534-4333
www.classificadosdorio.com.br

OGLOBO
 EXTRA
 zap

Os Classificados do Globo e Extra circulam nas bancas da cidade do Rio de Janeiro, no Grande Rio e nos exemplares dos assinantes do Rio de Janeiro.
 *Anúncios de até 15 palavras para compra e venda de imóveis de até R\$ 100 mil e aluguel de até R\$ 600, e veículos de até R\$ 25 mil, em dia útil e formato claro.
 **Fonte: Ipsos Maritz, 3º Trimestre 07 (leitores O Globo e Extra) - Mercado Gde. Rio.

No inverno de 1999, José Alberto Komel Fonseca (o Komel vem da mãe, Thêa Maud, de família eslovena) estava cansado da vida. Então decidiu ficar trancado em seu apartamento cheirando, bebendo e chorando. Não comia, com exceção de algumas castanhas do caju, só bebia uísque, cerveja e cachaca. Delirava tanto que passou a conversar com a samsamba, achando que era uma mulher. Chegou a imaginar que a planta poderia ser a encarnação de sua mãe, que morreu em 1997 vítima de uma doença degenerativa, depois de um sofrimento atroz.

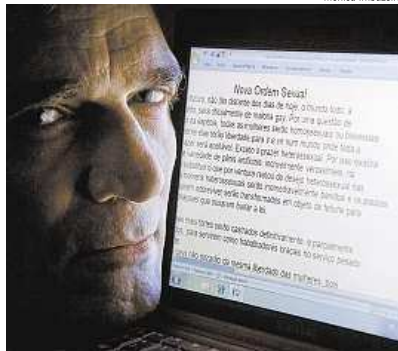
Essa história de dor e sofrimento que abre o livro "Pandemonium", lançado no ano passado pela editora Faces, está bem distante da realidade atual de Zeca, que abandonou o álcool, as drogas e até a compulsão sexual, que já lhe valeu o rótulo de promíscuo. Naquela época, só transava doído. Conta que tinha medo de parar de se drogar e nunca mais ter ereção. Sexo sóbrio? Ele nem se lembrava mais o que era: — Nunca me senti promíscuo. Essa fama só pode ter vindo das mulheres com as quais me recusei a transar. Muitas vezes, eu escapula o perceber que a mulher estava me usando, ou por não gostar de algum comentário. Uma vez, a mulher começou a xingar o meu pênis e broxei completamente.

Por um orgasmo legal

• Atualmente, Zeca só faz sexo com a mulher, Bia Wilcox, dona de um curso de inglês em Niterói, onde ele mora desde o ano passado: — Hoje em dia só faço sexo com a minha mulher. Não gosto de pouco sexo; gosto de muito. A minha compulsão está nisso, em querer que aquela coisa prazerosa se alongue. Hoje sei que sexo bom é estável. Antigamente, eu tinha muitas relações esporádicas, mas não atingia esse prazer gostoso que tenho hoje com a Bia. Naquele tempo, eu estava apenas provando e não conseguia ter um orgasmo legal. E preciso tempo para conhecer uma mulher. Não ter pressa é fundamental, e as brincadeiras são bem-vindas. Para mim, sexo é coisa ampla; acho

Sexo na veia

Mônica Imbuzeiro



ZECA FONSECA: "Nunca me senti um homem promíscuo"



MÃE E ZECA, em foto tirada pelo pai: "Essa coisa edipiana"

que as pessoas se bitolam demais — explica Zeca, que tem dois filhos de uniões anteriores: Anna, de 19 anos e José Antonio, de 29.

Seu cotidiano em Niterói é o que o imaginou para a sua vida:

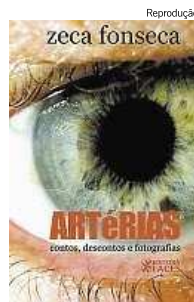
— Adoro essa cidade. Com o tempo tenho hêrnia de disco, não posso correr mais; assim faço alongamento diariamente. Depois, fico lendo. Atualmente ando fixado em Voltaire e em Nietzsche.

Zeca faz um parêntese, toma um gole de café, fala sobre a capa do novo livro, que é a foto do olho verde do amigo e também fotógrafo Alexandre Sant'Anna, e comenta a lembrança mais antiga que tem de sua vida, a de ouvir o comentário de uma das amigas da mãe: "Você vai sofrer com esse menino, ele tem

uma cara de levado..." — Eu era hiperativo. Tinha ficha em pronto-socorro de tanto que me arrebatava. Um dia fiquei à espera de meus pais até às três da manhã para me levarem ao hospital. Estava sangrando...

A relação com a mãe era bastante próxima. De assistente social, ela virou artista plástica e tradutora numa segunda fase da vida. Especializou-se em traduzir livros do polonês Jerzy Kosinski, que escreveu "O Vidiota". Com o pai, a relação era mais difícil, embora o tempo tenha apurado as arestas. Recorda que, quando pequeno, o pai sempre o levava ao futebol, porém foram se vendo cada vez menos depois que Rubem Fonseca se tornou escritor.

— Talvez a gente disputasse o amor da mãe, essa



CAPA do livro: sai em setembro

coisa edipiana — brinca. — Hoje em dia temos uma boa relação. Só que se ele pede para ler minhas coisas antes de serem publicadas, reluto em mostrar. Não quero que ele me ajude, sabe? Senão, não vai ter graça. Então fico fugindo. Somos amigos, conversamos sobre tudo, mas não sobre literatura.

Zeca conta que escolheu a fotografia exatamente para não trilhar o caminho do pai. Sempre que estava "doído", escrevia para desabafar, mas depois jogava tudo fora, como se negasse a literatura. Era uma compulsão louca:

— Só pensei em escrever na fase em que saí do fundo do poço. Lembro que meu pai falava que eu estava perdendo tempo com fotografia. Ele lia as minhas redações de escola e dizia que eu tinha que escrever — conta com orgulho.

"Eu queria morrer"

• Agora resta pouco do Zeca que um dia achou que não poderia mais ser salvo:

— Quando minha filha era recém-nascida, eu me sentia o ser mais infeliz, mais triste e incapaz de viver nesse mundo, como nunca tinha me sentido na vida. Não tinha um dia em que eu não quisesse morrer. No entanto, não tinha coragem para me matar; não formalizava isso dentro de mim, apesar de sentir que estava num caminho sem volta, que entrava num buraco do qual não iria mais sair. Era assustador — lembra Zeca, que descobriu sua força interior através da psicanálise e com grupos de autoajuda.

Diz que hoje se percebe como um naufrago que sobreviveu. E valoriza as coisas da vida:

— Assim que pinta algum problema, penso: "Problema eu tinha quando bebia e cheirava, isso é uma dificuldade passageira". Isso me alivia. Se estou momentaneamente sem dinheiro, penso: "Dinheiro não é problema; pego um empréstimo e depois pago". Ser drogado era como estar num cassino jogando todo o dinheiro na roleta, mas tentando sair da mesa com um dinheiro no bolso. Coisa que a Amy Winehouse não conseguiu: ela foi jogando até o fim, até a grana acabar.

Como muitos escritores, Zeca teve dificuldade para lançar seus romances. Com "Pandemonium" não foi diferente. Uma editora disse que gostou do que leu, mas que o livro "não tinha potencial de venda". Outra, que só poderia publicar se Zeca assumisse o livro como autobiografia. Uma terceira prometeu editar no ano seguinte, não cumprindo o trato e depois alegou que "tinha muita escatologia".

— Minha mulher tem um curso de inglês, o Interfacs, e precisava abrir uma editora para lançar as publicações do curso; assim, "Pandemonium" foi lançado pelo selo Faces, assim como "Arterias".

Hoje, Zeca trabalha na editora Faces na criação de projetos literários. O mais novo deles chama-se Bercário de Talentos, para revelar jovens escritores. Sempre com o apoio de Bia, sua mulher.

— A história do Zeca é de happy end. E happy end está na moda, por mais que seja clichê — conclui. ■

FUNDADA EM 1755 NUMA ILHA NO LAGO DE GENEVRA. E LÁ CONTINUA.

Quai de l'Île d'Or, Genève
 e Reserva de marcha

VACHERON CONSTANTIN
 Manufacture Horlogère, Genève, depuis 1755.

SARA
 RIO DE JANEIRO

IPANEMA: (21) 3202 4515 — FASHION MALL: (21) 3202 4525
 SHOPPING LEBLON: (21) 3202 4535 — www.sarajotas.com